
EDITORIAL

Os seis artigos que compõem a primeira parte deste segundo número da revista *Educação, Sociedade & Culturas* trazem para os cientistas sociais trabalhando no campo de educação/formação reflexões variadas e aprofundadas muito relevantes para os tempos em que nós vivemos. Tal como no primeiro número da revista, tentámos seguir, além do critério geral de que o conteúdo dos artigos correspondesse aos objectivos da revista (ver *Editorial* do 1º número), dois outros critérios, nomeadamente: i) que os artigos incluíssem contribuições da Sociologia e da Antropologia da Educação, e ii) que entre os artigos aparecesse pelo menos uma contribuição de um autor de outro país.

Assim, para abrir este segundo número, encontramos o artigo de José Alberto Correia que nos apresenta uma análise crítica de alguns dos discursos educativos dos anos 80, sempre no âmbito de um olhar para o campo educativo no limiar do século XXI. A seguir, apresentamos um trabalho inédito do sociólogo francês Pierre Bourdieu que constitui o discurso feito pelo mesmo na altura em que lhe foi entregue a «Medalha de Ouro» do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS). Este texto foi obtido pelo nosso colega Raúl Iturra que foi convidado para assistir à cerimónia. Tratando a questão «para que serve a sociologia?», o texto de Bourdieu revela uma forte aposta na sociologia como ciência precisamente por pôr em causa o que são as denominadas «utilizações perversas da ciência». O artigo da antropóloga Amélia Frazão-Moreira aborda a questão da aprendizagem das categorias do mundo adulto pelas crianças numa aldeia do Alto Douro. Também o trabalho de Cristina Rocha e Manuela Ferreira se preocupa com a educação das crianças, aqui através de uma análise do processo de construção da 1ª Infância em Portugal, na transição do século XIX para o século XX. No artigo de Rui Canário encontramos uma

análise de um processo de inovação no campo de educação: o desenvolvimento das Mediatecas Escolares. Terminamos a primeira parte deste número com o texto de Roger Dale sobre algumas das consequências da promoção de um mercado em educação. Estas apontam, segundo Dale, muito mais para a uniformidade de educação escolar do que para a sua maior diversidade, assim contradizendo o que tem sido altamente proclamado neste campo.

No primeiro número da revista *Educação, Sociedade & Culturas*, lançámos a secção «Diálogos sobre o Vivido» cujo primeiro tema foi «O novo documento de avaliação nas escolas», tema esse trabalhado a partir de registos de diálogos entre professores sobre o referido sistema de avaliação, e cujo organizador foi Telmo Caria, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Como se sabe, esta secção da revista, baseada num tema de actualidade que constitua motivo de preocupação/discussão na área da Educação – e que poderá assumir uma forma etnográfica na base de material vivo e experiencial seleccionado pelos organizadores – pretende construir um espaço de diálogo e reflexão que tenha como centro o vivido pelos actores sociais.

Neste segundo número, baseamos os «diálogos sobre o vivido» na transcrição de um debate sobre o tema «Indisciplina na Escola», realizado na altura do lançamento da revista. Neste debate participaram professores de todos os sectores do sistema educativo (circunstância não habitual num sistema fragmentado e segmentado!). Sem pretender reproduzir toda a riqueza e diversidade do debate (que se encontra relatado em pormenor na referida secção deste número), registaremos aqui apenas algumas das questões levantadas e que são para nós outros tantos pontos de reflexão:

- Será que a indisciplina existe? Ou trata-se de um conceito construído pelo mundo dos adultos? Será porque se trata de um conceito elaborado na lógica de uma cultura competitiva e de concorrência que facilmente entra em choque com a solidariedade vivida pelas crianças numa base de relação com grupos de pares? Nesta lógica, qual o papel da «disciplina» promovida e regulamentada pela escola (para todos)?;
- O desconhecimento das práticas culturais locais poderá constituir-se (conforme algumas experiências relataram) numa fonte de indisciplina que neste caso não seria senão uma outra forma de ser disciplinada?

- O carácter unidimensional da escola obrigatória poderá ser considerado como um constrangimento e um empobrecimento eventualmente inibidor de espaços educativos abertos à pluralidade e às diferenças?
- Até que ponto é que podemos fazer equivaler a violência concorrencial da escola a um campo de batalha onde são menos «os vitoriosos do que os mortos e os feridos»?

Lançamos com este segundo número da revista a secção «Arquivo», já prevista no primeiro número, mas que não se concretizou devido à falta de espaço. Para inaugurar a secção, escolhemos dois capítulos da obra clássica de Émile Durkheim *A Evolução Pedagógica em França*, inédita em Portugal. Aqui publicamos os dois capítulos que constituem a abordagem de Durkheim da «Igreja Primitiva e o Ensino» e onde aprendemos que o presente não vale nada sem o passado. Mais: onde aprendemos que o presente, num certo sentido, é o passado!

Terminamos este número com uma revisão de um livro que se preocupa com a cultura da (e na) escola, com uma outra que se preocupa com a relação entre esta e as outras culturas exteriores à escola e com uma terceira que aborda um livro que promove uma metodologia de abordagem das culturas. Finalmente, uma quarta revisão aborda um livro sobre o papel do Estado no desenvolvimento da escola (obrigatória, gratuita, laica) de massas.

Stephen R. Stoer